

# 'Meu' Moçambique

■ SHEILA KHAN

Se tanto me doí que as coisas passem  
É porque cada instante em mim foi vivo  
Na luta por um bem definitivo  
Em que as coisas de amor se eternizassem.  
**Sophia de Mello Breyner**

**N**a Semana Moçambicana, organizada no Departamento de Estudos Espanhóis e Portugueses, da Universidade de Manchester, quis partilhar com os alunos de Cultura e Literatura Moçambicanas, os vários contornos de Moçambique, através de histórias de vida de moçambicanos, viajando pela gastronomia, embalando-os na música, e percorrendo com eles através da fotografia as paisagens de um belo país africano. Foi tão envolvente que a senti como a semana do *meu* Moçambique.

Na 'minha' semana Moçambicana eu fui feliz. Como moçambicana quis palmilhar os outros caminhos de Moçambique, conhecer outros rostos, outras vozes, novas cores de um outro arco-íris. Foram dias memoráveis, ao longo dos quais, percorremos, serenamente, e com um grande companherismo, os vários 'cânticos' desta terra acarinhada pelo Índico. Primeiro,

quis dar à Felicity, ao Jonathan, à Phoebe, e à Tracy – alunos da cadeira de Cultura e Literatura Moçambicanas – a oportunidade de eles fazerem a sua própria leitura dos autores que foram lendo e conhecendo, tais como, José Craveirinha, Noémia de Sousa, Lília Momplé e Mia Couto. De um modo afectuoso e interactivo, foram escutados e comentados por Phillip Rothwell – estudioso da obra de Mia Couto, da Universidade de Rutgers – e, por esse, meu-grande-novo-amigo e poeta Luís Carlos Patraquim. Depois, veio a Paula Meneses, moçambicana, investigadora no Centro de Estudos Sociais, da Universidade de Coimbra, mostrar que Moçambique tem um tempo, uma história e uma cultura, que ultrapassa este nosso humilde conhecimento que, maioritariamente, só se espraia até às experiências coloniais na África portuguesa. Depois, calmamente fomos descendo para universos menos amplos, pois a história moçambicana é vasta e imensa, mas muito mais palpável, que as narrativas de vida, de identidade daqueles que nascidos e criados em Moçambique, tiveram, a um dado momento, que abraçar a trajectória da saída, de um novo recomeço, em Portugal, em Inglaterra, e em outros espaços da diáspora.

Ao aproximarmo-nos deste Moçambique mais subjectivo, escutámos as experiências de vida do Carlos Queiroz, moçambicano, que fez do futebol – actualmente treinador-adjunto no Manchester United - a sua cartografia vivencial, percorrendo

os quatro cantos do mundo, sem contudo, como ele mesmo o disse, durante a sua palestra, fugir ao seu projecto de estar sempre perto do seu país de berço. A Fátima e a Amélia deliciaram os nossos paladares com os encantos gastronómicos deste Moçambique tão longínquo, mas tão próximo quando no prato fumegava um caril de amendoim de galinha, uma matapa com leite de coco, bagias e chamussas. O Zito, o Luís Carlos Patraquim e a Amélia abriram as pequenas portas dos seus mundos, não só pelas suas memórias, ou descrições pessoais de como foi o antes, e como vai sendo o agora, mas mostrando pelas suas narrativas, que Moçambique não é somente feito daqueles que ficaram por lá, Moçambique existe, também, através desse namoro e encanto entre os que ficaram e os que partiram.

Enfim, a Semana Moçambicana, foi, acima de tudo, um aconchego no qual a linguagem dos afectos, dos reencontros, e de novos encontros e descobertas, com moçambicanos e moçambicanas, se fizeram sentir nos sorrisos e nos olhares brilhantes dos meus alunos.

Maningue Kanimambo a todos, pela 'minha' semana Moçambicana.

Especialmente, um Maningue Kanimambo à Professora Hilary Owen, porque me deu a oportunidade de estar com Moçambique. ●

*\* A autora é professor da Universidade de Manchester e da Universidade de Coimbra*